

NEOLOGISMOS E DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEXICAL EM *QUERÔ: UMA REPORTAGEM MALDITA*

Ruy Maurício Azevedo MORATO
Universidade Federal de Minas Gerais
ruymorato@hotmail.com

Aderlande Pereira FERRAZ
Universidade Federal de Minas Gerais
aderferraz@gmail.com

Resumo: A partir de uma análise preliminar do livro Querô – Uma reportagem maldita, foi possível perceber a riqueza vocabular presente em todo o texto. **OBJETIVOS:** A partir da análise desse romance, apresentar a descrição dos neologismos lexicais na perspectiva do ensino do léxico, de modo a contribuir para o desenvolvimento da competência lexical. **QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO:** Partindo da hipótese de que a obra acima mencionada apresentava, pela caracterização da linguagem dos personagens, um vocabulário especial, possivelmente de uso específico de certos grupos sociais, encontramos nesse vocabulário variados tipos de neologismos lexicais. Posteriormente, após a extração desses itens lexicais, vinculamos os neologismos e seu estudo ao desenvolvimento da competência lexical. O neologismo é compreendido aqui como o elemento resultante do processo de criação lexical (ALVES, 2004). E a identificação do item lexical

como neologismo seguirá o critério lexicográfico (FERRAZ, 2006). A partir do conceito de Basílio (2004, p. 90), relacionamos neologismos e desenvolvimento da competência lexical. RESULTADOS: Com a coleta de neologismos lexicais, foi possível estabelecer uma ampla discussão em torno do ensino de palavras novas na sala de aula. Com isso, foram organizadas algumas propostas de atividades pedagógicas, possíveis de serem aplicadas em sala de aula, visando ao desenvolvimento da competência lexical.

Palavras-chave: léxico; neologismo; ensino; competência lexical.

1 Introdução

A partir de uma análise preliminar do livro *Querô – Uma reportagem maldita*, romance de Plínio Marcos, foi possível perceber a riqueza vocabular presente em todo o texto, com vocábulos que por si sós já caracterizam um dialeto social. Partindo da hipótese de que a obra acima mencionada apresentava, pela caracterização da linguagem dos personagens, um vocabulário especial, possivelmente de uso específico de certos grupos sociais, extraímos desse vocabulário variados tipos de neologismos lexicais. Posteriormente, após a extração desses itens lexicais, vinculamos os neologismos e seu estudo ao desenvolvimento da competência lexical.

O estudo do léxico a partir do discurso literário não é uma iniciativa inteiramente nova no meio acadêmico, alguns trabalhos anteriores sobre os textos de Plínio Marcos já se ocuparam de uma abordagem lexical em suas obras. Um estudo, entretanto, de descrição dos

neologismos lexicais, cujo principal objetivo é contribuir para o desenvolvimento da competência lexical, a partir do romance *Querô – uma reportagem maldita*, ainda estava por ser feito. Com esta pesquisa, o que se pretendeu, além de identificar as unidades lexicais neológicas no romance supracitado, foi trabalhá-las de forma a adequá-las ao desenvolvimento da competência lexical.

Os neologismos lexicais estão presentes em todas as áreas do conhecimento humano. Eles são necessários para designar novos conceitos e realidades culturais que surgem a todo instante em uma sociedade tão dinâmica quanto a que vivemos, no século XXI. Além disso, há a necessidade de uma maior expressividade discursiva, o que, muitas vezes, também leva à criação de novos itens lexicais. A maior parte deles chega ao nosso conhecimento através da imprensa e da publicidade. Há, no entanto, um tipo de neologismo, trazido pelas obras literárias, que muitas vezes não chega a fazer parte, pelo menos não de forma corriqueira, do falar de um determinado grupo social, são os chamados neologismos estilísticos.

Embora Plínio Marcos, não seja um autor-criador (cf. CARDOSO, 2003, p. 1), conforme sua própria colocação, pois, segundo ele¹, só reproduzia aquilo que ouvia dos habitantes da região portuária de Santos, muitas das palavras constantes no romance configuraram-se como neológicas pelo critério adotado neste trabalho.

¹ Os dados sobre Plínio Marcos e suas obras foram retirados do site www.pliniomarcos.com.br

Cumprir lembrar que esse tipo de neologismo é recorrente não só em obras literárias, pela sua grande capacidade expressiva, como também em outras esferas discursivas, como o discurso publicitário e, até mesmo, cotidianamente no discurso falado dos usuários do português do Brasil. Investigar o aparecimento e a ocorrência desses novos itens lexicais, seus processos de formação e sua utilização pelos falantes é de fundamental importância para uma melhor compreensão do léxico de uma língua.

Esta pesquisa parte de uma situação sabidamente ocorrente e rica na literatura brasileira. Visou colaborar na captação de neologismos de origem literária, explorando uma das obras do autor Plínio Marcos, bem como contribuir para aprofundar o estudo de processos de formação de palavras neológicas que, nesse caso, foram captadas e classificadas e, também, cooperar para o desenvolvimento da competência lexical a partir das particularidades encontradas na obra em estudo.

2 O autor e sua obra

Plínio Marcos de Barros, natural de Santos no litoral paulista, nasceu em 1935. Autointitulado “repórter de um tempo mal”, o autor escreveu, durante sua vida, diversas peças teatrais e romances. De forma geral, suas obras retratam o submundo social existente na região portuária da cidade de Santos.

Querô – uma reportagem maldita é uma dessas obras. Escrita em 1976, permanece ainda com uma temática bem atual. A obra retrata personagens marginais que, mesmo apesar de sua condição, possuem uma força poética que é explicitada por sua vontade de viver. O

protagonista, que atende por Querô e dá título à obra, um adolescente filho de uma prostituta, torna-se órfão e passa a viver no porto de Santos. Para manter-se, Querô vive de pequenos delitos que culminam com sua morte. Exemplo típico de adolescente moldado pelo meio cultural no qual está inserido e do qual não consegue escapar.

Para retratar esse “mundo marginal” ou, melhor, “submundo”, Plínio Marcos traz para a obra o linguajar típico dos grupos sociais envolvidos na trama: prostitutas, delinquentes, menores encarcerados na FEBEM, policiais e outros. Uma das maiores marcas de “realidade” da obra é, justamente, esse linguajar típico. Para isso, ele se vale de diversas unidades lexicais típicas desses grupos, e é isso um dos aspectos que conferem à obra uma característica verossímil.

3 Metodologia

A língua, como produto social, reflete mudanças ocorridas naquela que a criou, a sociedade. E é no léxico que tais mudanças são mais perceptíveis, afinal, a todo o momento temos novas tecnologias, produtos e costumes que necessitam ser nomeados pelos usuários da língua. Além disso, a necessidade de uma maior expressividade no discurso faz com que esses mesmos usuários busquem, no léxico, alternativas para aperfeiçoar sua comunicação (cf. CARDOSO, 2000, p. 12; FERRAZ, 2006, p. 219; CARVALHO, 2010, p. 277). Segundo Ferraz (2008, p. 146), “léxico é o conjunto aberto, organizado por regras produtivas, das unidades lexicais que compõem a língua de uma comunidade linguística”. A partir dessa citação, podemos inferir que a língua é

fator preponderante na identificação de um povo, pois, não só transmite a cultura vivida por ele, como também lhe permite expressar a realidade na qual está inserido. Dessa forma, conhecer profundamente um grupo humano implica conhecer a forma pelo qual esse representa sua realidade.

Basicamente, as principais razões, segundo Leonel (1997), que levam os falantes a criarem novas unidades lexicais são a (i) neologia denominativa – palavras criadas para denominar objetos e conceitos inéditos em uma sociedade e a (ii) neologia estilística – necessidade de maior expressividade por parte dos falantes de uma língua. Cabe ressaltar que as novas palavras, ao passarem a ser usadas com frequência pelos falantes, vão perdendo a sensação de novidade e passam a fazer parte do vocabulário efetivo dessa comunidade. A partir de então, são registradas pelos dicionários de língua e deixam de ser neologismos, de acordo com o critério lexicográfico adotado neste trabalho.

Segundo Ferraz (2006, p.221-222), para agregar neologismos em seu conjunto, o léxico vale-se de três processos: (i) neologia formal – as palavras são formadas através de métodos e elementos pertencentes à própria língua, caso das derivações, composições, fraseologismos, siglagens e outros; (ii) neologia semântica – através da expansão de sentido ou mudança de significado de unidades lexicais já existentes; (iii) neologia de empréstimo – unidades lexicais herdadas de sistemas linguísticos estrangeiros, podendo essas unidades estarem adaptadas ou não à nova língua.

Os dois primeiros processos citados utilizam material da própria língua para criar novas palavras,

chamados por Alves (2004, p. 5) de processos autóctones. Essa característica confere ao léxico a qualidade de ser “ecologicamente correto”, conforme Basílio (2004, p. 10). Segundo ela, “temos um banco de dados em permanente expansão, mas utilizando sobretudo material já disponível, o que reduz a dependência de memória e garante comunicação automática”.

A caracterização da palavra como neologismo seguirá aqui o critério lexicográfico, posição adotada por diversos estudiosos do assunto. Segundo Ferraz (2006), diversos pesquisadores da área lexical consideram o dicionário de línguas como o principal instrumento para verificar o estatuto neológico de uma palavra. Para eles, quando uma palavra, em pleno uso, não é encontrada nos dicionários, ela tem seu estatuto neológico confirmado, porém, ao ser incluída nos dicionários, deixa de ser um neologismo. Neste trabalho, foi considerado como *corpus* lexicográfico de exclusão o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), Novo Dicionário Eletrônico Aurélio Versão 7.0 – 5ª Edição do Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (2010) e Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (1998), todos em suas versões eletrônicas.

Sobre a competência lexical, Sandmann (1991, p. 23) salienta que “a competência lexical do usuário de uma língua se compõe de dois momentos: o da análise e interpretação das unidades estabelecidas no léxico, isto é, já formadas, e o da formação ou entendimento de novas palavras de acordo com modelos ou regras que a gramática da língua põe à disposição”. Para Ferraz (2008), em concordância com o que foi dito,

competência lexical é a habilidade, que o falante possui, para compreender as palavras em suas estruturas sonora e morfofossintática, além de suas relações de sentido com outras unidades lexicais constitutivas da língua. Essa competência compreende, ainda, a capacidade de formar palavras que são consideradas boas ou aceitáveis pelos outros falantes, além de ser capaz de bloquear formações lexicais inaceitáveis.

Segundo Basílio (2004, p. 90), a competência lexical é o “conhecimento internalizado do falante nativo sobre o léxico de sua língua, abrangendo itens lexicais, relações lexicais e processos de formação”. Conhecimento esse que, segundo Sandman (1991, p. 14), além de fixar regras que conduzem à formação de novas unidades, também limitam essas formações, gerando bloqueios e restrições de unidades não previstas pelo sistema linguístico.

A partir desses conceitos, podemos verificar a importância de ações que contribuam para o desenvolvimento da competência lexical dos falantes. É importante lembrar que o desempenho lexical depende, também, de fatores externos, como a situação discursiva. Saber para quem se produz, onde e como, é de vital importância para o sucesso da comunicação. Assim, bom desempenho lexical envolve, além de outros fatores, conhecimento profundo das palavras.

No entanto, conforme os autores citados anteriormente, a competência lexical vai muito além de saber o significado das palavras. Segundo Richards (1976, *apud* FERRAZ, 2008), é necessário que o falante tenha em mente que (i) o léxico é um conjunto aberto e a aquisição de palavras acontece durante toda sua vida.; (ii)

conhecer uma palavra significa bem mais do que conhecer seu significado. Conhecer a sua forma de utilização e a frequência com que aparece também são essenciais; (iii) é preciso saber se as palavras a serem usadas possuem ou não restrições sociais de alguma natureza, pois isso determina parte do sucesso da comunicação; (iv) as palavras não estão em nossa mente como uma lista de conceitos. A elas estão associadas suas propriedades sintáticas, que devemos conhecer para utilizá-las adequadamente; (v) ao incorporar em seu vocabulário uma nova unidade, o falante passa a conhecer, também, padrões de estruturação que podem ser utilizados para construir novas formas. Logo, conhecer uma palavra já prevê, de certo modo, conhecer outras criações originadas dela; (vi) o significado de uma palavra também é dado por sua relação com outras nos discursos.; (vii) o significado das palavras não é absoluto. Ele envolve o conhecimento de traços categoriais mínimos. Conhecê-los é fundamental para saber o valor semântico das palavras; (viii) as unidades lexicais podem possuir mais de um significado e os falantes precisam conhecer seus múltiplos sentidos.

Santos (2008) nos lembra que “aprender e estudar o léxico de uma língua significa não apenas reconhecer novas palavras, mas sim ir muito além, o aluno que consegue desenvolver essa aprendizagem se torna mais competente no uso das palavras”. Além disso, como assinala Bortoni-Ricardo (2007), os documentos oficiais brasileiros que direcionam as políticas públicas de ensino de português reconhecem a importância do léxico na sala de aula.

Da mesma forma, Albuquerque (2009), coloca que o ensino do vocabulário, normalmente, isola as palavras em frases, desconsiderando seu contexto e “engessando” seu sentido e limita-se, no máximo, a exercícios de sinonímia e antonímia. Mas, mesmo que haja alguma preocupação com o ensino do léxico, como bem lembra Bezerra, ele “volta-se para a compreensão do texto escrito, não havendo preocupação com o vocabulário direcionado à produção textual do aluno” (BEZERRA, 1998, p. 1). Dessa forma, continua a autora, “não basta apenas desenvolver estratégias de aprendizagem de vocabulário para/pela leitura de textos, é preciso também usá-lo em textos escritos, possibilitando ao aluno exprimir-se com vocábulos variados e apropriados às diversas situações de trocas linguísticas” (BEZERRA, 1998, p. 4). Para a mesma autora, segundo resultados preliminares de sua pesquisa, “os alunos acreditam que o sentido das palavras está nelas mesmas, independentemente de relações que estabeleçam em contextos variados”, por isso o contexto não pode ser, de forma alguma desprezado, mas ele também não esgota as possibilidades de estudo de determinado item lexical.

O processo que ocorre nos livros didáticos atuais reflete bem essa situação. É comum encontrarmos, nos livros didáticos de português em geral, um pequeno quadro com um glossário para as palavras menos usuais, retiradas de um texto dado. Não raro, como coloca Albuquerque no trabalho já mencionado, são feitos exercícios sobre essas palavras que não exigem do aluno um conhecimento mais profundo sobre elas. Dias (2003), a partir de estudos do Grupo de Estudo de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Universidade Federal de

Uberlândia, manifesta opinião semelhante ao constatar que, na maioria das vezes, os exercícios sobre vocabulário propostos pelos livros didáticos são sempre repetitivos e ocorrem de forma similar em vários títulos diferentes. Dessa forma, o ensino de vocabulário, via de regra, não contribui para que o vocabulário dos alunos seja enriquecido pelas palavras estudadas.

4 Neologismos encontrados

Neste tópico, a partir da análise da obra *Querô – uma reportagem maldita*, buscamos identificar os itens lexicais candidatos a neologismos, processando o material e gerando o *corpus* utilizado neste trabalho. Após configurar os neologismos, efetuamos a análise, gerando uma classificação dos mesmos a partir de seus processos de formação. Além disso, levantamos, na obra, condições de ocorrência e utilização das unidades neológicas identificadas.

De forma geral, os neologismos semânticos e as expressões idiomáticas são os mais presentes na obra. Conforme Remenche (2003) verificou em sua pesquisa com a linguagem no sistema penitenciário do Paraná, o uso de metáforas é predominante em vocabulários gírios de grupos sociais. Há uma predominância de expressar, através de palavras, temas como sexo, violência e vícios. Sendo possível associarmos os neologismos encontrados a grandes grupos semânticos, ligados, principalmente, à violência, religião e ao sexo. Como vimos, anteriormente, as expressões idiomáticas são conotativas, revelando a presença de metáforas, bem como os neologismos semânticos.

As derivações e composições, embora sejam atestadas como os processos mais produtivos no português brasileiro, foram encontradas de forma modesta na obra. Truncamentos, reduplicações e estrangeirismos, além de algumas formações não tipificadas devido à sua formação irregular, fecham o rol de tipos de formação de palavras presentes no romance.

Foram encontradas 141 palavras neológicas na obra. De forma geral, a distribuição das mesmas se deu da seguinte forma (GRAF. 1):

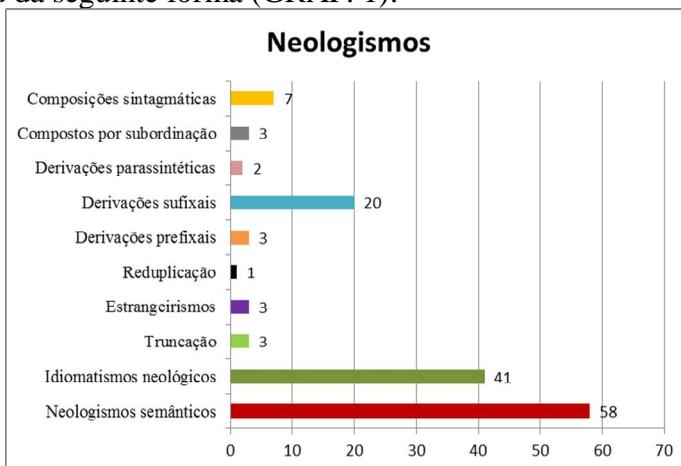


GRÁFICO 1 – Quantidade de neologismos encontrados, de acordo com a tipologia.

4.1 Derivações

Se fosse raiva que eu tivesse daqueles dois tiras escrotos, eu segurava. Fazia sair no mijo. «Desbaratinava». (MARCOS, 1999, p. 60).

Desbaratinar é formado pela junção do afixo *des-* à base *baratinar*. Esse prefixo é bastante comum na formação de palavras do português brasileiro, significando ação contrária, negação. Baratinar, como traz o dicionário Aurélio (2010), significa perturbar (-se), transtornar (-se), perder a clareza mental. Assim, nesse caso, desbaratinar significa não perturbar-se, esquecer aquilo que causa transtornos.

-Tira esse «pestinha» daqui. Bota ele na roda das freiras. Joga ele lá. (MARCOS, 1999, p. 4).

Pestinha, nesse caso, não é um diminutivo de *peste*. Há uma forte carga pejorativa de desprezo acrescida à base que tem, nesse caso, a acepção, conforme o dicionário Houaiss (2001), de pessoa de maus bofes, mal-humorada, criadora de problemas. Para Violeta, mãe adotiva de Querô e cafetina do bordel onde sua mãe trabalhava, ele é, além de criador de problemas, uma criatura desprezível, pois não favorece em nada aos negócios dela.

Queria ver o Nelsão, metido a dar coice nos outros, se cagando de medo vendo o Sarará «embocetado» no chão com uma bala nos cornos. (MARCOS, 1999, p. 77).

Embucetado vem da base *boceta*, que significa vulva, ou de forma mais genérica, o órgão sexual feminino. O prefixo *en-*, dentre outros significados, quer dizer transformação, passar de um estado a outro. O sufixo *-ado* dá uma ideia geral de conexão, relação. Pelo contexto, podemos verificar que o significado da nova palavra é estar arruinado, em situação ruim ou

desesperadora. Querô cresceu em um prostíbulo, daí a motivação para o uso corriqueiro de um derivado como este.

4.2 Composições

Composição por subordinação:

Tinha nojo e raiva. Uma raiva fodida que me fazia cagar na comida de porco que os tiras me empurravam pelo «buraco-vigia» (MARCOS, 1999, p. 22).

O *buraco-vigia* é a abertura na porta das celas-surdas, solitárias, presentes em cadeias e reformatórios. Através dela, os carcereiros passam alimentos e checam a saúde dos prisioneiros durante a estada destes. Ao brigar no reformatório, logo em sua chegada ao centro de menores, Querô é colocado em uma dessas celas como reprimenda.

Composição sintagmática:

Já naquele tempo tinha mais medo de polícia do que de alma penada. «Juiz de Menores» e polícia é tudo a mesma coisa. (MARCOS, 1999, p. 8).

Juiz de menores designa o oficial, profissional público, responsável por julgar questões relativas a menores em determinadas situações irregulares. Alterar qualquer um dos constituintes dessa composição gera uma nova palavra que designa uma entidade diferente (juiz do Supremo) ou uma formação não aceitável (juiz de maiores ou procurador de menores, por exemplo).

4.3 Reduplicação

Eu fui azedando: – Porra, a comida aqui deve fazer mal pra cuca. Tá todo mundo como hiena. Comem resto, fodem uma vez por ano e vivem rindo. Foi um «auê-auê». (MARCOS, 1999, p. 27).

Todos os dicionários do *corpus* de exclusão já registram a formação *auê*, que significa confusão, agitação, tumulto. No caso do neologismo *auê-auê*, ao reduplicar a palavra já existente, o autor intensifica a agitação causada nos outros detentos da casa de menores pelas afirmativas de Querô ao responder às provocações referentes ao seu apelido incomum.

4.4 Truncação

A dedada do Tainha podia ser sacanagem. Mas o filho da puta do japonês não me ajudou. – Esse pivete trabalha contigo, «japa»? – os homens perguntaram (MARCOS, 1999, p. 18).

Na ocorrência acima, *japa* deriva de *japonês* e revela uma pequena carga semântica de menosprezo ao referente, não por parte de Querô, mas por parte dos policiais que interrogam o oriental.

4.5 Expressões Idiomáticas

Devido às suas características conotativas e de uso consagrado pela sociedade, a análise das expressões torna-se uma atividade complicada e especulativa, já que não temos os motivos reais que as levaram a serem formadas. Assim, optamos por apresentar exemplos de ocorrência, porém sem maiores detalhes:

Ou a gente nasce de bunda virada pra Lua, ou «nasce cagado de arara». Não tem por onde. Assim é que é. (MARCOS, 1999, p. 3).

Não entendi até hoje, e não vou entender nunca, por que a piranha da minha mãe não «deu um nó» nas trompas. (MARCOS, 1999, p. 3).

4.6 Neologismos Semânticos

O filho da puta do meu pai encheu de porra a filha da puta da minha mãe e se arrancou, deixando a desgraçada no 'ora veja, tô «choca»'. (MARCOS, 1999, p. 3).

A palavra assinalada, *choca*, está registrada no dicionário Michaelis, como sendo o “período do choco”, que por sua vez tem no dicionário o seguinte registro “diz-se da galinha que está encubando”. Para analisarmos a palavra em questão, cabe ainda a transcrição de uma das acepções para a palavra *galinha*: “mulher (e às vezes homem) que se entrega facilmente”. Essa acepção da palavra *galinha* já traz uma carga polissêmica adquirida através da metáfora, pois a galinha pode ser fecundada por mais de um galo.

4.6 ESTRANGEIRISMOS

O Tainha sabia das coisas: – Vai nele e diz: '«Guive» um «cigarrete», «plis». Aí ele te dá um cigarro e tu entra com a bicaria (MARCOS, 1999, p. 13).

Os estrangeirismos encontrados sofreram adaptações de forma a se adequarem ao padrão fonético do português do Brasil. A impressão que fica para o leitor

da obra é que Querô não sabe o que significam tais palavras. Somente Tainha parece se dar conta do teor delas. Isso, no entanto, não impede que o protagonista faça uso delas para atingir seu intento, já que ele aprende a pronunciá-las de forma que lhe pareçam familiares.

6 Considerações finais

No tópico em que definimos os objetivos deste trabalho, ressaltamos que estabelecer a relação entre os neologismos e o desenvolvimento da competência léxica para que os mesmos pudessem ser aplicados de forma mais prática no ensino seria nosso objetivo principal. Acreditamos, assim como Perrenoud (1999, p. 19-20), que a forma como o léxico é trabalhado nas escolas ainda se dá de forma discreta, não contribuindo de forma significativa para tornar o aluno um usuário pleno de sua língua materna.

Ressalte-se, neste ponto, a importância das análises que foram efetuadas quando da configuração dos neologismos presentes na obra. Esse tipo de análise contribui em muito para o desenvolvimento da competência lexical do falante e, mais especificamente em nosso caso, do aluno. Na maioria das situações em sala de aula, os livros didáticos e, infelizmente, os professores não se preocupam com uma análise mais detalhada da nova palavra encontrada, limitando-se, tão somente, a dar o seu significado ao aluno, conforme já exposto no tópico dos problemas de pesquisa. O que falta no material didático e na rotina dos professores é uma abordagem mais significativa para explicar, de forma mais didática, os processos formadores de neologismos

lexicais. Dessa forma, acreditamos ser essa uma das principais contribuições deste trabalho.

O ensino do léxico deveria partir da realidade do aluno e não de uma realidade pré-definida, como acontece atualmente. No ambiente escolar, temos vários alunos e, conseqüentemente, diversas experiências de vida, convicções, comportamentos e formas de aprendizagem diferentes, isto é, alunos de diversas realidades. Os livros e, mais ainda, as gramáticas parecem conceber uma única realidade. Realidade esta que normalmente não é a do aluno que está em sala de aula. Devido a esse enfoque, o aprendiz não é considerado como um ser capaz de fazer inferências, pelo menos no que tange à formação de palavras.

Considerando o ensino do léxico em sala de aula, tomemos como exemplo, inicialmente, um dos neologismos formados por derivação prefixal, encontrado no romance sob análise: *desbaratinar*. Por ser um neologismo, há grande chance do aluno não conhecer esta palavra. Inicialmente, devemos mostrar a ele que o verbo *baratinar* está dicionarizado, caso ele não o conheça. A partir desse ponto, podemos mostrar ao aluno palavras que ele já conheça com o prefixo *-des*, como desfazer, desligar, desmontar etc. Posteriormente compará-las com as palavras da qual foram originadas: fazer, ligar, montar. A partir daí, provavelmente, o aluno deverá ser capaz de perceber que esse prefixo carrega consigo uma carga semântica que indica a ação contrária da palavra original. Ele pode ainda procurar outras palavras com o mesmo prefixo e ver se esse significado continua sendo aplicado em outras situações.

Além disso, é preciso verificar o contexto em que ela ocorre e qual o papel que desempenha na frase. O aluno pode ainda verificar se essa palavra pode ser usada em qualquer circunstância, com qualquer outro falante da língua. Ele, provavelmente, perceberá que talvez ela possa ser usada em uma conversa informal, com outros colegas, mas talvez não seja adequada em um diálogo entre ele e seu professor, por exemplo. Isso significa que essa palavra, como todas as outras, carrega consigo uma “carga” que, de alguma forma, implica em determinados padrões de comportamento social. E que, além disso, como já foi assinalado anteriormente, usar os itens lexicais de forma correta permite-nos resolver problemas de comunicação, compreender palavras até então desconhecidas através do contexto e produzir novas situações em que as mesmas possam ocorrer.

Esse já é um grande passo na direção do desenvolvimento da competência lexical de nossos alunos. Tal passo, via de regra, não é dado pelos livros e gramáticas. Mais do que isso, os mesmos costumam se preocupar somente com a procedência do prefixo, além de arrolarem uma série de outros prefixos de mesma procedência e, às vezes, com seus significados.

“Engessar” o significado e o uso das palavras, como normalmente fazem as gramáticas, dicionários e livros didáticos, pode ser complicado já que sua carga semântica não é estática, imutável. É preciso compreender que um determinado conceito depende da relação de um item lexical com outros no discurso e que essa palavra possui, ou pode assumir, vários significados que serão definidos por essa relação. O falante precisa

conhecer, ou pelo menos ser capaz de inferir, esses diversos significados.

Obviamente, a questão do contexto é de extrema importância para a compreensão da nova palavra. Da mesma forma, o leitor deve ter um mínimo de vocabulário “proporcional” ao nível da obra que está lendo. Mas nem sempre eles, contexto e vocabulário mínimo, são suficientes e a competência lexical passa a ter papel fundamental. Por isso, o leitor/ouvinte deve ter sua competência léxica bem desenvolvida e estar atento ao contexto de ocorrência da nova palavra.

7 Referências

ALBUQUERQUE, A. F. de. O estudo dos neologismos a partir do gênero publicitário: uma reflexão sobre o contexto escolar. In.: *Revista Travessias*. v. 3, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/issue/view/309/showToc>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

ALVES, I. M.. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios).

BARBOSA, M. A. Questões relevantes na descrição fraseológica. In: *Cadernos do CNFL*. V. 10, n. 14, p. 162-174, 2006.

BASÍLIO, M. Formação e classes de palavras no português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

BEZERRA, M. A. *Condições para aquisição de vocabulário*. In: 8º Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, 1998, São Paulo. Caderno de Resumos. São Paulo: PUC-SP, 1998. v. 1. p. 81-82. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/viewFile/4034/2681>>. Acessado em: 17 dez. 2010.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CAMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CARDOSO, E. A. O léxico de Drummond. Disponível em:

<<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci076.htm>> Acessado em 05/09/2009.

CARVALHO, N. M. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

FERRAZ, A. P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: Maria Cândida T. C. de Seabra. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 217-234.

FERRAZ, A. P. Neologismos na publicidade impressa: processos mais frequentes no português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.). *As ciências do léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 53-64.

FREITAS, R. Criação lexical – a produtividade da neologia semântica na fala do brasileiro. In: *Travessias*. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/tr>

avessias/ed_003/linguagem/CRIA%C7%C3OLEXICAL.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2010.

LAROCA, M. N. C. *Manual de morfologia do português*. Campinas. Pontes: Juiz de Fora. UFJF, 1994.

LEONEL, M. C. M.. Grande Sertão: Veredas: Alguns neologismos semânticos. *Série Encontros: Estudos sobre lexicografia*. São Paulo, Unesp, v. 41, p. 79-89, 1997.

PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999

REMENCHE, M. L. R.. Gíria – a linguagem no sistema penitenciário. In.: *Revista Estudos Linguísticos*. v.32, 2003. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/acomunic.htm>>. Acesso em 07 mar. 2011.

ROCHA, L. C. A.. *Estruturas morfológicas do português*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SANDMANN, A. J. *Competência lexical*. São Paulo: Editora da UFPR, 1991.

SANTOS. F. Q. A produtividade do dicionário de língua portuguesa para o ensino do léxico – uma proposta além do livro didático. In: Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 8, 2008, Porto Alegre, RS. FINGER, I.; COLLISHONN, G. (Orgs.). Anais... Pelotas, Educat, 2008. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/08/produtividade_dicionario.pdf>. Acesso em 30 ago. 2011.

XATARA, C. M.. Tipologia das expressões idiomáticas. In: *Alfa*, São Paulo, v. 42, p. 169-176, 1998.